

Os grandes partidos em escombros

O centro político está vazio. As urnas demoliram o PMDB e o PFL, partidos que até agora foram a referência da política nacional. O PMDB, o maior partido brasileiro, habituado à preferência de até 50% do eleitorado, conseguirá 5% dos votos, no máximo, segundo as previsões. O PFL, atingido pelas urnas num golpe quase mortal, não deverá alcançar nem a quarta parte disso. A eleição presidencial da última quarta-feira, depois de um jejum de 29 anos, jogou uma pá de cal no gigantismo partidário — um fenômeno próprio do antigo bipartidarismo, segundo os especialistas políticos.

As análises ainda são preliminares. Depende da definição do segundo colocado do primeiro turno — Brizola ou Lula — e das composições na segunda fase, o futuro do sistema partidário brasileiro — um conjunto farto de cerca de 50 siglas, dentre as quais, porém, apenas cinco sempre deram o tom. Do ponto de vista partidário, por enquanto, constata-se que PMDB e PFL perderam essa qualidade, enquanto o PT e o PSDB ganharam porte, tornando-se partidos com alcance nacional.

"O colapso do PMDB é preocupante", afirma o cientista político da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Carlos Nelson Coutinho. "O abalo foi muito forte e ainda não é possível saber se o partido se reestruturará, para ser o aglutinador do centro", ele acrescenta. A mesma dúvida não abrange o PFL. "Ele não tem possibilidade de permanência e o resultado eleitoral levará a seu esfacelamento definitivo", diz Carlos Nelson Coutinho. Já o pefelista Oscar Correa Junior, deputado federal por Minas Gerais, recomenda uma junta médica para saber se o partido tem remédio. Para ele, agora, só uma coisa é certa. "O Partido da Frente Liberal acabou de ser baleado."

O PRN, sem estrutura

O esvaziamento do centro político preocupa Carlos Nelson Coutinho diante da incerteza de quem irá ocupá-lo. "Se a política de centro for feita de maneira aventureira, o centro se deslocará para a direita", acredita. Esse papel poderia caber ao recém-nascido Partido da Reconstrução Nacional, o PRN de Fernando Collor de Mello, líder do primeiro turno da eleição. A espera do registro definitivo, o PRN, contudo, ainda não tem estrutura nacional razoável — e deverá buscar políticos em outros partidos, com um governo pouco sólido internamente e, como tal, arripa-se Coutinho, não comprometido com a democracia.

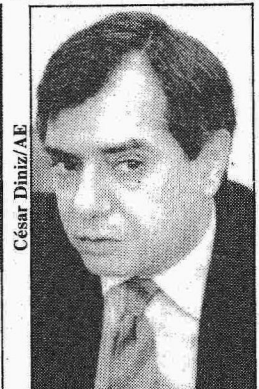
A professora Elisabeth Balbachovsky, da Universidade de São Paulo (USP) e estudiosa dos partidos políticos brasileiros, é mais direta. "Se Collor chegar à Presidência, terá de comprar no varejo, nos setores mais fisiológicos, um apoio estável para seu governo", arrisca, com uma ressalva: "Pelo menos no primeiro ano, até as eleições de 1990, quando o PRN poderá criar uma base mais independente dele no Congresso".

A base de um eventual governo Collor de Mello, no entender de José Arthur Giannotti, cientista político da Universidade de Campinas (Unicamp), poderá ser constituída pela absorção do PFL e do PDS pelo PRN. "Seria um partido de centro-direita", explica Giannotti, com uma atenuante: "Collor não é Maluf nem Caiado. Ele é mais moderno e dinâmico e não é à toa que namora o PSDB". O Partido da Social Democracia Brasileira, nascido em 1988, cresceu com a eleição de quarta-feira. Mas, para Giannotti, ele poderia explodir na esteira de uma eventual aliança com o PRN agora no segundo turno.

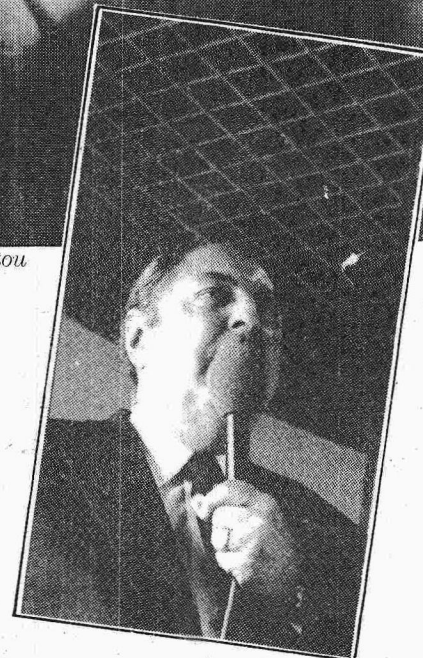
São muitas as variáveis. Elas vão depender de pessoas e de partidos. O PMDB, por exemplo, sofreu uma derrota acachapante, mas sua máquina continua intacta e o candidato Ulysses Guimarães fez todo o esforço para manter o partido unido. O especialista José Álvaro Moyses, diretor do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec) prevê a divisão do PMDB, com a depuração dos fisiológicos. "O partido cumpriria seu papel, retomando o ideário da década de 70, como a



O PMDB de Doutor Ulysses, sem rumo depois do fracasso. E do PFL de Aureliano (no detalhe), nada restou



Para Carlos Coutinho (à esquerda), da Universidade Federal do Rio, "o colapso do PMDB é muito preocupante". Moisés (no centro), um especialista político, acredita em divisão no PMDB; e Gianotti, da Unicamp, ao lado, acha que o PRN de Collor, absorverá o PDS e o PFL.



Para estes, o desastre. PMDB

Maior partido do País, foi arrasado pela bandeira que levantou. E a culpa foi dos seus caciques.

Depois de navegar por 23 anos, enfrentando as agruras do regime autoritário e transformar-se no maior partido político brasileiro, o PMDB, herdeiro do MDB, morre na praia. A eleição presidencial direta, bandeira que o partido levantou desde o seu nascimento em 1966, foi quem o destruiu na quarta-feira passada. Depois

de expressivas votações nacionais, conseguindo 28,6% do eleitorado em 1970, 50% em 1974 e 39,6% em 1982, o partido chega agora a ínfimos 5%.

Credita-se ao PMDB, a defesa do estado de direito, as anticandidaturas civis de Ulysses Guimarães à Presidência e a campanha das "Diretas-Já". No entanto, foi a opção da direção

partidária pelo mandato de cinco anos para o presidente José Sarney que começou a provocar a diáspora peemedebista no processo constituinte do ano passado. O PMDB entrou na atual campanha com um plantel invejável: estruturado em todo o País e ostentando 21 governadores, 204 deputados federais, 34 senadores e cinco prefeitos de capitais.

PFL

Nascido de uma dissidência do PDS, o PFL de Aureliano morreu exatamente disso: de abandono.

O Partido da Frente Liberal (PFL) nasceu de uma dissidência do PDS, em 1984, como um dos elos da Aliança Democrática que elegeu o presidente Tancredo Neves e o vice-presidente José Sarney. Em 1985, o partido fez sua primeira convenção, apresentando um leque de forças considerável: 102 deputados federais, 18 senadores, 1.500 prefeitos, um governador e 10

mil vereadores. Em meio a tudo isso, ostentava as fichas de 780 mil filiados em todo o País.

O expressivo grupo dissidente, contudo, passou a divergir. Já em 1986, parte de seus parlamentares descumpria a orientação do partido para apoiar ao governo de São Paulo, por exemplo, o empresário Antônio Ermi-

rio de Moraes, lançado pelo PTB. O PFL entrou na atual campanha com o candidato Aureliano Chaves — e minigou. De 100 deputados federais e 13 senadores, apenas dez parlamentares ficaram com o candidato. O líder eleito na Câmara Federal, Ricardo Fiúza, por exemplo, apoiou para a Presidência, o candidato do PDS, Paulo Maluf.

Para estes, a ascensão. PT

Um aglomerado de tendências de convivência aparentemente impossível uniu-se em torno de Lula. E deu certo.

O candidato Luís Inácio Lula da Silva, maior expoente do Partido dos Trabalhadores (PT), teve nesta eleição presidencial uma votação quase uniforme em todo o País, fato destacado pelos cientistas políticos. Em torno dele, o PT nasceu em 1980 e chegou à atual campanha com 35 prefeitos, entre eles os de grandes cidades como

São Paulo, Campinas e Santos.

O PT é formado por onze tendências. A predominante é a Articulação, liderada por Lula, integrada por sindicalistas, intelectuais marxistas e social-democratas. Ela tem mais de 50% das bases partidárias, enquanto as outras nove, entre as quais as que defendem a luta armada para a chegada ao

poder, fazem o restante. São elas: Partido Revolucionário Comunista (PRC), O Trabalho (OT), Poder Popular Socialista (PPS), Movimento Comunista Revolucionário (MCR), Democracia Socialista (DS), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Luta Popular Socialista (LPS) e Convergência Socialista (CS)

PSDB

Neste partido, a tradição não está na sigla, mas nos seus chefes. E a tendência é que isso mude.

Com apenas dois anos de vida, mas com políticos que apresentam boa quilometragem na vida partidária, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) não ganhou, embora tenha crescido com o resultado da eleição presidencial. O partido entrou na campanha com 1.107 diretórios estruturados, 200 mil filiados, 17 prefeitos e presença em 14 Estados e territórios.

Ele conta com 44 deputados federais e dez senadores.

O PSDB, partido de centro-esquerda, apresenta quatro tendências em suas fileiras. A majoritária é a dos sociais-democratas, com pelo menos 30 parlamentares, que conta, entre seus expoentes, com o candidato Mário Covas. O grupo mais conservador é

o dos liberais progressistas, representado entre outros pelo senador Afonso Arinos (RJ). A menor tendência é dos democratas-cristãos, como o ex-governador Franco Montoro. Por fim, os socialistas democráticos, tendência mais à esquerda, sofreu perdas durante a campanha, como a do senador José Paulo Bisol, que se tornou candidato a vice do PT.

defesa do estado de direito, que aplicou bem, e a política de mudanças sociais, que esqueceu", diz José Álvaro.

O PTB também sofreu

Seja como for, acabou a fase dos partidos gigantes. Ou como define José Álvaro, "a eleição vai levar a mudanças que representam o início da consolidação do sistema partidário". Nesse novo desenho, os partidos têm definição ideológica, são mais transparentes e não contraditórios. Mas, só a eleição presidencial não basta. O especialista aponta outro ingrediente necessário: a adoção do regime parlamentarista de governo, que enfraquece o presidencialismo e tende a fortalecer o sistema partidário.

O efeito demolidor não se limitou aos antes potentes PMDB e PFL (veja quadro abaixo). O PTB de Afonso Camargo, que havia nascido das cinzas no início desta década, depois de 15 anos de inatividade, também sofreu um duro golpe. Ele entrou em campanha com cinco senadores, 25 deputados federais, 120 deputados estaduais e cerca de 400 prefeitos. Mas não se sabe como terminará. Acredita-se que o candidato não chegará nem a 1% da votação, ficando abaixo até dos 750 mil eleitores, número de filiados declarado, em julho último, data da sua indicação.

"O PTB definiu-se como partido marginal no conjunto, sem personalidade e identificado até com as legendas de aluguel", constata José Álvaro Moyses. Para a professora e especialista da USP, Elisabeth Balbachovsky, o PTB apresentou-se igual a um "Enéas, Corrêa ou Pedreira" — e por isto as suas principais lideranças devem bandeirar-se para o PRN, porque a sobrevivência do PTB, como sigla, será de uma inexpressividade absoluta.

Se a eleição condenou esses partidos, acabou contemplando outros, a começar do PDT, de Leonel Brizola, que está na disputa do segundo lugar. O partido, contudo, não tem expressão nacional e está estruturado em torno da personalidade forte do candidato. Ao contrário do PSDB e do PT, que as urnas mostram terem uma votação uniforme em todo o País, o PDT (ou melhor, Leonel Brizola) conseguiu obter 70% da votação no Rio Grande do Sul e apenas 1% em São Paulo. Em Curitiba, onde o partido elegeu o prefeito Jaime Lerner ano passado, Brizola ontem estava em quarto lugar.

Também o PDS, herdeiro da gigante Aliança Renovadora Nacional (Arena), que foi o maior partido antes do PMDB — e sofreu fortes abalos ao longo desta década — recuperou-se em parte, pelas mãos do candidato Paulo Maluf. "O Maluf resgatou parcela da base do PDS, reduziu seu índice de rejeição e conseguiu apresentar outra imagem", analisa Elisabeth Balbachovsky, com uma recomendação: "Onde Maluf penetra é com força, mas limitado. Ele é imbatível em eleições proporcionais".

O PT de Lula, ao contrário, cresceu em máquina e militância conseguindo ultrapassar bem os 400 mil filiados que tinha dois anos atrás. Com votação uniforme, diz Carlos Nelson Coutinho, ele saiu fortalecido. José Arthur Giannotti, porém, adverte: "Deve haver uma enorme transformação no PT — ele precisa englobar e digerir suas facções, além de fazer a opção democrática". Para sobreviver como partido, mais ainda, o PT precisará no entender de Giannotti, fazer alianças para o centro e caminhar pela via da social-democracia. "A medida que o partido cresce, surgem novos dados de realidade que têm peso", explica.

O crescimento do PT, ocupando o espaço da esquerda no País, afastou, segundo Giannotti, a necessidade de participação eleitoral das legendas de aluguel. "Elas existiam e concorreram por medo da esquerda de ficar de fora", ele diz, para acrescentar: "Na hora em que a esquerda se fortalece, percebe que essas legendas mancham o processo eleitoral. Assim, o PCB, para ele, que também ficou com baixa votação e não está ainda estruturado, deve ser absorvido pelo PT. Ou como diz Carlos Nelson Coutinho: "O candidato Roberto Freire transcendeu o âmbito do PCB, e seu espaço político já está ocupado pelo PT".

Vicente Dianozi Filho